A PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO E A HISTÓRIA DA LITERATURA

CARLOS ALEXANDRE BAUMGARTEN
FURG

A Livraria do Globo, de Porto Alegre, depois Editora Globo, desenvolve no Rio Grande do Sul, especialmente a partir dos anos 40 de nosso século, um amplo e ambicioso projeto editorial, que inclui não apenas a edição de autores locais, algo que já vinha sendo realizado desde as primeiras décadas do mesmo século, mas de escritores e obras importantes no âmbito da tradição cultural do Ocidente. Nesse sentido, são publicadas, entre outras, A comédia humana, de Honoré de Balzac, Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust, Aventuras de Pickwick, de Charles Dickens, e inúmeras narrativas de romancistas expressivos, como Sinclair Lewis, Emily Bront, Somerset Maugham, Pearl Buck e George Orwell. O exame da atuação da Editora Globo revela ainda a criação de duas grandes linhas editoriais vinculadas às chamadas Coleção Província, voltada para a divulgação de livros sobre questões sul-rio-grandenses, e a coleção Biblioteca dos Séculos, destinada à edição de pensadores, como Platão, Aristóteles, Montaigne e Nietzsche, e de poetas e prosadores estrangeiros.

É também de responsabilidade da Globo a publicação da Província de São Pedro, revista de caráter interdisciplinar que, sob a direção de Moysés Vellinho, circulou entre os anos de 1945 e 1957. A Província, ao longo de seus vinte e um números, contou com a colaboração de nomes significativos no âmbito da cena intelectual brasileira. Encontram-se nesse caso autores como Paulo Római e Otto Maria Carpeaux, responsáveis, em momentos diferentes, por uma seção de título Letras estrangeiras, cujo objetivo principal era a divulgação de obras de autores europeus e norte-americanos. Ao lado deles, Guilhermino Cesar, na seção Livros e idéias, encarregava-se do exame do movimento literário nacional. Paralelamente a essas colunas de cunho permanente, a revista divulgava textos de poetas como Carlos Drumond de Andrade, Cecília Meireles, Raul Bopp, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Mario Quintana, Augusto Meyer, entre

---

1 Este trabalho constitui parte dos resultados do projeto de pesquisa Província de São Pedro: importância e significação no contexto da produção intelectual brasileira e sul-rio-grandense, que vem recebendo apoio do CNPq.

LETRAS DE HOJE. Porto Alegre. v. 31, n° 4, p. 81-88, dezembro 1996
tantos outros; de prosadores, como Graciliano Ramos, Erico Verissimo, Dyonísio Machado, Marques Rebele, Ledo Ivo, Reinaldo Moura; de ensaistas, como Afrânio Coutinho, Lúcia Miguel-Pereira, Carlos Dante de Moraes, Olívio Montenegro, Wilson Martins, Roger Bastide e Antonio Candito. A participação desses autores foi, sem dúvida, decisiva para que a Provincia atingisse o objetivo a que se propunha, qual seja o de não...afogar-se nas águas rasas da retórica regionalista, segundo palavras divulgadas por Moysés Vellinho em editorial.

No campo específico da história da literatura, a Provincia de São Pedro apresenta ensaios de natureza diversa: de um lado, há aqueles que se ocupam da análise do processo literário regional, procurando traçar uma genealogia da literatura sul-rio-grandense, que é examinada em toda sua extensão; de outro, há textos voltados para reflexão em torno de aspectos referentes à produção literária brasileira como um todo, como é o caso dos seguintes estudos: O Naturalismo brasileiro, de Lúcia Miguel-Pereira; Existe uma literatura brasileira?, de Afrânio Coutinho, e A literatura brasileira no século XX, de Antonio Candito.

Em Existe uma literatura brasileira?, Afrânio Coutinho, a partir de considerações sobre A elegia de abril, de Mario de Andrade, realiza uma breve avaliação do processo literário nacional, anotando a falta de seriedade e responsabilidade intelectual que o vem caracterizando desde as origens. Por essa razão, afirma:

Com exceção de algumas poetas, que ainda têm a seu favor a originalidade dos motivos a disfarçar a pobreza de pensamento e substantância; com exceção de muito poucos livros que resistem salitários, como a "palmeira do oásis", não creio que da literatura brasileira se possa dizer que possuí personalidade definida e contornos nitidamente diferenciados, digna de concorrer para o acervo literário humano com contribuições de caráter universal.

O quadro nada favorável apresentado pela literatura brasileira é creditado pelo Autor à ausência de substância filosófica, científica e estética que vem marcando a atividade dos homens de letras. Ao lado disso, registra a existência de uma prática crítica especializada, já que o ensaísmo crítico é, via de regra, praticado por curiosos que têm por único instrumen-

to a intuição. Em verdade, a preocupação central do artigo de Coutinho está voltada para o debate em torno da questão da nacionalidade da literatura brasileira, aspecto presente na historiografia literária nacional desde as primeiras décadas do século XIX, quando historiadores estrangeiros, como Simonde de Sismondi e Ferdinand Denis, pioneiramente dedicaram-se ao estudo da produção literária dos brasileiros.

O texto de Afrânio Coutinho, porém, deriva por outros caminhos, quando passa a considerar a relação da literatura brasileira com o público. Desconhecida deste, já que feita por e para uma pequena elite de literatos, apresenta-se ela sem profundidade, sem raízes na alma profunda do povo, (...) e não constitui absolutamente alimento para o espírito, para o senso estético, para as nossas necessidades de compreensão do homem e do mundo. Essa realidade é responsável, segundo o Autor, pela predileção que o leitor brasileiro demonstra pela literatura estrangeira e pelo grande número de traduções então publicado por nossas editoras.

O conjunto de deficiências referido leva Afrânio Coutinho a uma conclusão bastante dura e pessimista em relação à produção literária brasileira, pois

O que possuímos como literatura é uma literatura superficial, falsa em alguns aspectos, acadêmica em outros, de intenção e de atitude, resultante de um maneirismo alambicado, sem força criadora, sem caráter, sem personalidade marcada e forte.

Em O Naturalismo brasileiro, Lúcia Miguel-Pereira ocupa-se da prosa de ficção brasileira concebida nas duas últimas décadas do século XIX, num evidente esboço do que seria, mais tarde, a sua História da literatura brasileira - Prosa de ficção: de 1870 a 1920. Partindo da ideia da existência de um descompasso entre o processo literário nacional e o europeu, já que o atraso com que foi aqui adotado o realismo é um sintoma do alheamento dos nossos escritores de então não só ao mundo, mas às condições do país, a Autora justifica a sobrevivência do Romanticismo até o final da década de 70 do século passado.

Além disso, analisando, às vezes pomenorizadamente, as obras que primeiro se fizeram à moda naturalista, anota o caráter artificial por elas assumido, porquanto situaram-se distantes do país, desconhecendo o momento de crise política por que este passava desde o término da Guerra do Paraguai, quando as campanhas abolicionista e republicana desestabilizaram definitivamente o reinado de Dom Pedro II. Assim, os romancistas brasileiros, alheios ao que ocorria no Brasil e aceitando como dogmas as
doutrinas expostas por Zola em Le roman expérimental, assumiram uma posição pseudocientífica que representou um pesado fator antiartístico.¹⁰

Por outro lado, o fraco desempenho que a estética naturalista alcançou no Brasil é creditado ao fato de os autores, ao invés de seguirem o melhor Aluísio Azevedo, que está n’O cortiço e em Casa de pensão, terem adotado como seu modelo O homem, pois

... o exemplo de Aluísio Azevedo, estudando na Casa de pensão e no Cortiço o problema das habitações coletivas e de sua influência na existência íntima dos moradores, não teve eco, mas pelo pessimo atalho aberto com O homem enveredaram imediatamente muitos romancistas.¹¹

Salvaguardando algumas contribuições de Aluísio Azevedo, Inglês de Sousa, Adolfo Caminha, Domingos Olímpio e Manuel de Oliveira Paiva, muitas vezes por haverem escapado à ortodoxia naturalista, e à produção de Machado de Assis e Raul Pompeia, Lúcia Miguel-Pereira conclui seu ensaio afirmando o artificialismo que marcou a experiência naturalista brasileira, sobretudo pelo fato de os romancistas não lograrem expressar o estado de espírito de seu tempo, visto que

... numa nação oscilando entre os riscos do militarismo e a continuação de uma monarquia sem base, sacudida por tantas crises, que afetaram a vida particular, os ficcionistas que tinham por dogma a observação só patenteavam uma orientação ideológica: o anticlericalismo; não que o clero constituísse entre nós grave problema, mas porque era combatido em França.¹²

Ao concluir seu ensaio da forma transcrita, a ensaísta retoma, ainda que por via indireta, a discussão em torno do problema da nacionalidade da literatura brasileira, igualmente abordado por Afrânio Coutinho em Existe uma literatura brasileira? Em verdade, o que é nacional e o que não é nacional em termos de produção literária brasileira continua na ordem do dia como objeto de reflexão de críticos e historiadores da literatura, mesmo em meados do século XX, época de divulgação dos ensaios publicados em números da Provérbios de São Pedro.

O texto de Antonio Candido, dentre os que se dedicam ao exame do processo literário nacional, é o mais significativo, uma vez que os de autoria de Lúcia Miguel-Pereira e Afrânio Coutinho podem ser encontrados, com pequenas modificações, em outras publicações desses autores. O ensaio de Candido, contudo, consultada a bibliografia do autor, mesmo a lis-

tada em Antonio Candido: a palavra empenhada,¹³ originalmente uma tese de doutorado sobre sua produção, não aparece citado uma única vez, aspecto que lhe garante uma certa originalidade, o despeito de ter sido divulgado na Provérbios em número do ano de 1954.

O ensaio de Candido organiza-se a partir de duas idéias básicas: uma primeira que vé a literatura no Brasil como um fenômeno aglutinador, ou seja, ao longo da história, o pensamento e a sensibilidade têm assumido entre nós invariavelmente uma forma literária, o que leva o ensaísta a afirmar que

... Ao contrário, pois, do que sucede nos outros países, a literatura é aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito.¹⁴

A segunda idéia, importante no plano da produção historiográfica de Antonio Candido, é a que pensa a nossa história literária como resultado de um movimento dialético entre o localismo e o universalismo, marcado pela tensão entre o dado local, entendido enquanto matéria de expressão, e o elemento universal, herança do colonizador europeu que se apresenta como forma de expressão. Tal circunstância determina que nosso percurso literário

tem consistido numa superação constante de obstáculos, entre os quais o sentido de inferioridade que um país novo, tropical de larga mestização, desenvolve em face de países velhos, de composição étnica estabilizada, com uma civilização elaborada em condições geográficas bastante diversas.¹⁵

É provável que o texto publicado na Provérbios tenha sido um ensaio de idéia mais tarde desenvolvida em profundidade na Formação da literatura brasileira,¹⁶ que teve sua redação final três anos mais tarde, segundo palavras do próprio autor. Em sua obra mais extensa no campo da história literária, Candido, ao promover a revisão da historiografia tradicional, vale-se da relação dialética entre o local e o universal para resgatar o Neoclássicismo do século XVIII como passo importante na busca da autonomia literária nacional. O mesmo procedimento pode ser visto no que diz respeito ao diálogo entre Brasil e Portugal, entendido no ensaio presente na publicação sulina como um dos caminhos pelos quais tomamos consciência de nós mesmos.

¹⁵ Ibidem, p. 69.
O texto da *Provincia* se, por um lado, aponta para a revisão de ideias consagradas pela tradição, por outro, promove a reafirmação de conceitos nela presentes, como é o caso daquele que situa o momento culminante de nossa afirmação nacional na independência política e no nacionalismo político do Romantismo. Nessa perspectiva, o que se tem é a reiteração de ideias presentes em toda a historiografia e crítica produzidas no curso do movimento romântico, em autores como Santiago Nunes Ribeiro, Joaquim Norberto, entre tantos outros.

O exame da literatura brasileira do século XX, século que, segundo Candido, *encontra nossa literatura plenamente formada e, por alguns laços condizentes,* registra a existência de duas fases: uma, compreendida entre 1900 e 1922; outra, a partir da Semana de Arte Moderna. A primeira fase seria caracterizada pela presença de tendências de caráter diverso: de um lado, um formalismo naturalista, dominante, com foros de literatura oficial; de outro, um espiritualismo estético, com intenção renovadora, mas sem força para renovar. O balanço que faz da literatura brasileira das duas primeiras décadas do atual século não é nada lisonjeiro, pois

vemos, depois da inquietação, da rebeldia, da paixão formal e universalista de Tobias Barreto, Silvio Romero, Machado de Assis, Raul Pompeia, Nabuco, Olavo Bilac, sobrevivem a literatura satisfazenta consigo mesma, sem revolta e sem abismo. Sua única magia, não parecer inteiramente europeia; seu esforço mais tenaz, conseguir salvação da copia e harmonia do academismo.18

Em resumo, os primeiros vinte anos do século XX caracterizam-se como uma fase de acomodação, em que o diálogo com Portugal se abrandou e a produção literária assume um tom universalista, contrapondo-se, de acordo com o movimento pendular anteriormente referido, à literatura das décadas anteriores.

A partir de 1922, com o Modernismo, *literatura de movimento,*19 os autores brasileiros mais uma vez voltam-se para o elemento local, buscando nele encontrar forças para a renovação. O movimento modernista, segundo Candido, *inaugura um novo momento na dialética do universalismo e do particularismo,* pois importa (...) na libertação uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos em triunfo à tona da consciência literária.20 Tal atitude de triunfo marca o fim do sentimento de inferioridade em relação a Portugal, àquela altura já superado, e, ao mesmo tempo, garante originalidade ao Modernismo face à dialética do universalismo e do particularismo.

Enquanto as manifestações particularistas anteriores, por não conseguirem resolver a ambiguidade que marca nossa formação (herança cultural européia, lugar de mesticeção racial, país tropical, etc), recorrendo, por isso mesmo, não raro à idealização de nosso homem, o Modernismo rompe definitivamente com esta tradição, uma vez que as nossas deficiências, reais ou aparentes, são reinterpretadas como superioridade.21 Nessa medida, se ao tempo de Bilac e Afonso Celso tudo aqui é belo e risonho,22 a partir dos modernistas enfatizam-se a rudeza e os perigos que a natureza tropical representa. Além disso, o negro e o mulato são incorporados como tema de inspiração, e o primitivismo deixa de ser visto como obstáculo à produção cultural.

A consideração do Modernismo nestes termos leva Antonio Candido a situar no centro do movimento o *Macunaíma,* de Mário de Andrade, pois este

compendiou alegremente os nossos ditados, as lendas índias, as obscenidades, os estereótipos negativos desenvolvidos na sátira popular, a atitude em face do europeu – mostrando como a cada valor aceito na tradição académica e oficial correspondia um valor equivalente e recalculado na tradição popular, que precisava adquirir estado-de-literatura.23

Definida a importância do Modernismo e da obra de Mário de Andrade, Antonio Candido apresenta uma proposta de periodização para o movimento, que compreende três fases: uma primeira, de 1922 a 1930, marcada pela luta, pelo caráter agressivo, pelo escândalo, mas cuja *alegria turbulenta preparou no Brasil os caminhos para a arte interessada e a investigação histórico-sociológica do decênio de Trinta,*24 que corresponde à segunda fase. A partir de 37, com o advento do Estado Novo e, a seguir, com a eclosão da Segunda Grande Guerra, observa-se um arrefecimento no impeto das fases anteriores, uma volta às preocupações de natureza puramente estética e um desencanto do radicalismo político e literário, elementos a sinalizarem para uma nova fase, a terceira.

Ao final do ensaio, embora se mostre cauteloso, Antonio Candido arrisca uma avaliação da cena literária brasileira do início dos anos 50, ao afirmar que

18 Ibidem, p. 69-70.
19 Ibidem, p. 70.
20 Ibidem, p. 70.
21 Ibidem, p. 70.
23 Ibidem, p. 71.
Ainda é cedo para caracterizar historicamente o atual perío-
do em nossa literatura. Não é difícil todavia perceber que ela se
apresenta em retração, meio desiludida dos caminhos nem sempre
artísticos do mundo.26

A leitura do texto de António Candido, como se pode ver, mais uma
vez reafirma o caráter interdisciplinar que caracteriza toda sua produção,
que associa a Estética à História, à Sociologia e à Antropologia. Apesar de
concebido há quarenta anos, o ensaio mostra-se atual na avaliação, embora
sucinta, que faz do percurso literário brasileiro, notadamente no que diz
respeito ao Modernismo e seus desdobramentos. De natureza e intenção
exclusivamente historiográfica, o estudo publicado na Província de São
Pedro revela um historiador militante que, ao refletir sobre a atualidade li-
terária brasileira, recupera o passado e projeta o futuro, estabelecendo, no
plano do discurso, um diálogo entre os tempos, como bem observou Célia
Pedrosa em António Candido: a palavra empenhada.

26 Ibídem, p. 72.